

**VOZES EM DEFESA DA FÉ**

**CADERNO**

**34**

**NOSSAS  
SUPERSTIÇÕES**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO  
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

NOSSAS SUPERSTIÇÕES

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 34

FREI BOAVENTURA, O.F.M.

# NOSSAS SUPERSTIÇÕES

PUBLICAÇÃO DO  
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FE'  
EDITORA VOZES LIMITADA  
1959

I M P R I M A T U R  
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.  
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO  
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-  
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-  
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 30-V-1959.

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

<http://www.obrascaticas.com>

## RELIGIAO E SUPERSTIÇÃO

A vida cristã popular, tal como hoje de fato é vivida pela absoluta maioria dos que, no Brasil, se dizem católicos, está eivada de práticas, usos, costumes, idéias e princípios não cristãos e que, sem mais, podem ser qualificados como *superstições*. Tantas são as superstições, tão numerosas as crendices, que se impõe a necessidade de uma ampla campanha de purificação da vida religiosa de nosso povo e de recristianização de uma sociedade já quase inteiramente pagana.

Querem alguns identificar a religião com a superstição. Mas a diferença entre uma e outra é profunda e essencial: Outros são os fins, outro o objeto e outra a mentalidade. A superstição não é religião, nem procede da religião; é, antes, uma contrafacção da religião e prende seus adeptos nas malhas do fatalismo e do fanatismo. Religião é conhecer, servir e amar o Ser Supremo. A superstição obscurece êste conhecimento, impersonaliza o Ser Supremo e tenta subjugá-lo com fórmulas, encantamentos, esconjuros, invocações cabalísticas, sinais misteriosos e palavras mágicas. O religioso ama, o supersticioso teme. O sacrifício do religioso quer ser adoração, o do supersticioso esconjuração. O religioso sente-se livre e confiante nas mãos da Providência, o supersticioso se debate desesperadamente nos grilhões das fôrças adversas do fatalismo. O religioso reza suplicando a graça de sen-

tir-se cada vez mais desapegado das coisas da terra, o supersticioso reza pedindo felicidade na fortuna, no amor e na saúde. O religioso ocupa-se com a alma, o supersticioso só conhece o corpo. O religioso pensa no céu, o supersticioso agarra-se à terra. O religioso confia em Deus, o supersticioso coloca a sua segurança nos amuletos e nas fórmulas externas. O religioso procura rezar com o coração, o supersticioso com os lábios. Um é todo para dentro, para cima e para o além; outro todo para fora, para baixo e para o aquém.

Não, a religião não só não se identifica com a superstição, mas ela é a sua mais frontal adversária. As crendices e os abusões tão em voga são geralmente práticas vãs e extravagantes, por vezes grotescas e brutais, e orações absurdas, ridículas, não raro cheias de irreverências, erros e heresias. Por vezes estamos diante de usos e gestos bons e cristãos, mas praticados com mentalidade terrena e pagã. Outras vezes o rito e a cerimônia são pagãos, mas coloridos com elementos cristãos. Aqui é o paganismo levado para um ambiente cristão, onde vai revestir formas particulares e apresentar fachadas cristãs, permanecendo, porém, intimamente desligado da mensagem de Jesus. Lá, a oração e o gesto serão excelentes, do mais puro Cristianismo, mas executados por determinação do hierofante.

De modo geral, em todos êstes usos e costumes vemos a predominância dos seguintes princípios, que regem a vida do supersticioso:

- 1) Excessiva preocupação com a forma externa, os ritos, as cerimônias com determinadas palavras em tal ou tal ocasião sem importância, com o emprêgo positivo ou a omissão voluntária de tal ato em tal circunstância de tempo e lugar; são sempre exterioridades ti-

das como “sinais”, mas de invenção e tradição puramente humanas;

2) confiança cega nos efeitos seguros e fulminantes e que resultam de uma ação desproporcional, como que mágicamente, comprometendo a Deus e os Santos e submetendo-se às regras da justiça comutativa;

3) finalidades puramente terrenas e temporais, correspondentes quase sempre às necessidades primordiais da vida humana e a girar em tórno de três ideais apenas: saúde, fortuna e amor;

4) mentalidade vaga e imprecisa acêrca das “fôrças desconhecidas da natureza”, às quais transfere perfeições divinas, tributando-lhes um culto de adoração e delas esperando extraordinárias retribuições.

Palavras do Senhor ao seu povo eleito, antes de tomar posse da terra prometida: “Quando tiveres entrado na terra que o Senhor teu Deus te há de dar, guarda-te de querer imitar as abominações daquelas gentes. Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo; nem quem consulte videntes ou observe sonhos e agouros; nem quem use de malefícios; nem quem seja encantador; nem quem consulte os pitões, ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade. Porque o Senhor abomina tôdas estas coisas e por tais maldades exterminará êstes povos à tua entrada” (Dt 18, 9-12).

Talismãs, feitiços, malefícios, amuletos, patuás, breves, bentinhos, rezas fortes, abusões medicinais, adivinhos, agoureiros, feiticeiros, pitões, magos, necromantes, quiromantes, astrólogos, cartomantes, cristaloscopistas, videntes, bruxos, babalaôs, macumbeiros, médiuns, esoteristas, rosacruz, teósofos, cabalistas, curandeiros, benzedeiros, espíritas, umbandistas, ecléticos, ocultistas, mentalistas, energetistas, iogistas — tudo isso são coisas típicas da nossa sociedade neo-

paganizada e não pode conviver com o Cristianismo. A luta inicial dos primeiros cristãos foi precisamente contra tais práticas. Nos Atos dos Apóstolos assistimos a êstes efeitos da pregação de São Paulo: “Muitos dos que tinham crido vinham, confessavam e manifestavam suas práticas supersticiosas; e muitos dos que haviam professado as artes mágicas traziam seus livros e os queimavam em público, chegando a calcular-se o valor dêles em cinqüenta mil moedas de prata. Tão poderosamente crescia e se robustecia a palavra do Senhor” (At 19, 18-20).

Os cristãos de hoje precisam renovar êste propósito dos primeiros cristãos.

Os exemplos de superstições, que adiante vão ser citados, foram em parte recolhidos e anotados por nós, em parte tirados diretamente dos livros mais supersticiosos que circulam no meio do nosso povo e em parte respigados das seguintes obras do folclore brasileiro: Luís da Câmara Cascudo: *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio 1954, vol. de 660 pp.; idem: *Antologia do Folclore Brasileiro*, São Paulo 1956, com 628 pp.; idem: *Meleagro*, Rio 1951, com 196 pp.; Mário de Andrade: *Namoros com a Medicina*, Pôrto Alegre 1939, com 130 pp.; Walter Spalding: *Tradições e Superstições do Brasil Sul*, Rio 1955, com 225 pp.; João Dornas Filho: *Capítulos da Sociologia Brasileira*, Rio 1955, com 251 pp.; Fausto Teixeira: *Medicina Popular Mineira*, Rio 1954, com 168 pp.; José A. Teixeira: *Folclore Goiano*, Rio 1941, com 434 pp.; Eduardo Campos: *Medicina Popular*, Rio 1955, com 190 pp.; Mello Moraes Filho: *Festas e Tradições Populares do Brasil*, 1946, com 551 pp. Haverá outros livros dêste tipo, que não encontramos nas livrarias por onde andamos, mas bastam êstes para a finalidade que temos em vista. Quanto aos livros pròpriamente supersticiosos, nem os citamos aqui, porque enchem cinco estantes em nossa biblioteca especializada. No último parágrafo mencionaremos alguns, que são a vergonha de nosso mercado livreiro.

## ORAÇÕES SUPERSTICIOSAS

Precisamos fazer uma campanha de purificação para eliminar da vida religiosa do nosso povo todos os elementos supersticiosos inconciliáveis com uma vida autenticamente cristã. Este trabalho de depuração deve começar nas próprias orações populares. Dispomos de um excelente repertório de orações expressivas e cristãs. Mas, aberta ou escondidamente, circulam entre os fiéis muitas orações supersticiosas e, como se diz, “rezas fortes”. Trata-se as mais das vezes de um conjunto absurdo de fórmulas comuns, restos de fórmulas das bruxas da Idade Média, alusões mitológicas, superstições greco-romanas, vestígios de cultos esquecidos, palavras deformadas do grego e do latim. Muitas vezes são fórmulas misteriosas que devem ser guardadas em segredo.

Tentaremos caracterizar o conjunto das orações supersticiosas nos seguintes pontos:

1) Indicação misteriosa de sua origem: Algumas se dizem, por exemplo, cópias de uma letra achada no Santo Sepulcro. Outras teriam sido tiradas de um precioso pergaminho encontrado nos alicerces de um castelo mourisco. Grande porção alega ter sido importada diretamente de Jerusalém ou também do Pôrto, não sei por quê. Umas se dizem de acôrdo com os manuscritos existentes no museu do Cairo. Há também as que teriam sido achadas em Monserrate, escritas em pergaminho, dentro dum cofre de bronze. Ou são cópias conservadas pelo imperador Carlos, em seu oratório, em\* caixa de prata. Por vezes também se diz que os originais foram enviados pelo Papa Leão ao Rei de França. Algumas são apresentadas simplesmente como orações antigas, ou de antiqüíssimos manuscritos, etc.

2) Finalidades preponderantemente terrenas: Geralmente os fins estão explícitos no próprio título. Rezam para tornar a pessoa invulnerável ou até invisível, para desarmar os poderosos ou prender os inimigos, para atrair fôrças superiores, para garantir a fidelidade da mulher, para obter honras e riquezas, para fazer o gatuño entregar o que roubou, para ter sorte nos negócios e no jôgo, para pagar as dívidas e arranjar dinheiro, para melhorar a posição ou obter a profissão mais conveniente, para ganhar em assuntos arriscados, para resolver uma situação difícil, para realizar as aspirações do coração, para quebrar as armas, para fazer seu portador atravessar um exército sem ser prêso nem molestado. Há orações especiais contra encantos, malefícios, adversidades, temores, fragilidades; contra raios, coriscos, furacões, e tempestades; contra o roubo, a pobreza, a indigência; contra as adversidades do mundo; contra tôdas as espécies de males físicos; e sobretudo contra o mau olhado, o quebranto e contra as doenças. Cada doença com sua oraçãozinha especial: contra abscessos, anemia, angústia do peito, apendicite, arteriosclerose, asma, azia, biliosidade, bronquite, câimbras, câncer, carbúnculo, catarro, cólera, cólicas, etc., etc.

3) Nestas orações geralmente mandam, não pedem. Querem forçar. Chegam a fixar prazo dentro do qual pretendem receber a graça. Ameaçam no caso de não serem atendidos. Tomemos, para exemplificação, esta oração com a "medida do Santo", uma fitinha de sêda do tamanho do "Santo" ao qual se dirige. E a oração recomenda: "Ao rezar, dê um nó na fita, pedindo a graça e marque um prazo qualquer para obtê-la. Se, passado o prazo, não vier a graça, dê outro nó na fita e marque novo prazo. Geralmente não se chega a dar o terceiro nó..."

4) Indicam condições precisas de circunstâncias, sem as quais a oração não teria valor. Algumas devem ser copiadas treze vêzes e remetidas a outras tantas pessoas. São as tais “correntes” difundidíssimas. E ameaçam com grandes castigos, no caso de não obedecer. “Getúlio Vargas não acreditou, rasgou a primeira corrente e foi deposto! Agamenon Magalhães copiou, mandou para treze pessoas e ganhou duzentos e sessenta mil cruzeiros...” Existem também orações que, para terem mesmo efeito fulminante, devem ser rezadas ininterruptamente, sem parar nem tomar fôlego. Algumas só podem ser rezadas mui raramente “por serem fortes demais”. Outras devem ser recitadas todos os dias e ainda querem ser carregadas sôbre o peito. Algumas só valem quando exaradas com sangue humano. Outras basta que sejam copiadas num domingo no momento do nascer do sol; ou no dia de São Miguel antes do nascer do astro-rei. Há também as que reclamam cerimoniaário especial, como êste: “E’ muito importante saber que aquêle que lê ou recita esta oração deve estar em frente do enfêrmo e a seu lado esquerdo e que as cruces devem ser feitas da esquerda para a direita”.

5) Prometem prodigiosa eficácia: São orações que comovem os céus, abalam a divindade e fazem estremecer o firmamento. Pode-se tomar como regra segura: tôda a oração que promete efeitos seguros é supersticiosa.

6) Há orações dirigidas às estrêlas, ao sol e à natureza e que são, desde logo, inaceitáveis. Podemos desconfiar também das orações a Santo Onofre, Santo Expedito, São Manso, Santa Catarina e São Cipriano.

7) Ausência de uma autêntica aprovação eclesiástica. Regra fundamental e de fácil orientação: Tôda e qualquer oração, mesmo vendida às portas de um

santuário, quando não traz o “Imprimatur” das Autoridades Eclesiásticas, deve ser rejeitada sem nenhum escrúpulo.

Dentre as muitas orações supersticiosas, tomemos um exemplo. Veja-se esta “Oração do Justo Juiz”, que se dirige a Cristo numa ridícula mistura de elementos cristãos com práticas e idéias pagãs:

“Jesus juiz de Nazaré, filho da Virgem Maria, que em Belém fostes nascido entre a idolatria, eu vos peço, Senhor, pelo vosso sexto dia, que meu corpo não seja prêso, nem ferido, nem morto, nem nas mãos da justiça envolto. Pax tecum, pax tecum, pax tecum! Cristo assim o disse a seus discípulos. Se meus inimigos vierem prender-me, terão olhos não me verão, terão ouvidos não me ouvirão, terão bôca não me falarão, terão braços não me levarão, correrão não me alcançarão, armas de ferro não me ofenderão, armas de cano não me desfecharão, com armas de São Jorge serei armado, com a espada de Abraão serei coberto, com o alento do leite da Virgem Maria serei borrifado, com o sangue do meu Senhor Jesus Cristo serei batizado, na arca de Noé serei agasalhado e com as chaves de São Pedro serei fechado aonde não me possam ver, ferir, nem matar, nem sangue do meu corpo derramar. Também vos peço, Senhor, por aquelas três hóstias consagradas que consagrastes no terceiro dia, assim como também andou Jesus Cristo no ventre da Virgem Maria nove meses e alguns dias. Deus adiante com a paz na guia. Deus me guie e acompanhe e a sempre Virgem Maria, desde a Casa Santa de Belém até Jerusalém. Deus é meu Pai, a Virgem Maria é minha Mãe, com as armas de São Jorge serei armado, com a espada de São Tiago serei guardado para sempre. Amém”.

Não rezemos assim. Aprendamos a rezar com a Igreja: de coração, confiantes, sem desespero, sem ameaças, sem medo; com fé, com respeito, com humildade, com perseverança, com aceitação da vontade de Deus, pedindo sobretudo os dons da alma e da graça. É o conselho do Divino Mestre: “E, orando, não sejais loquazes como os gentios, que pensam ser escutados por causa de seu muito falar. Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai conhece as coisas de que necessitais antes de lhas pedirdes” (Mt 6, 7-8).

### TALISMÃS E AMULETOS

No meio do povo cristão circula grande número de superstições ligadas a certos objetos que devem ser dependurados no pescoço, cosidos ao fato, guardados na carteira, afixados em determinados lugares ou enterrados na soleira da casa. Dividem-se em duas grandes classes: Os *talismãs* que atacam e conquistam e os *amuletos* que defendem e protegem. Trataremos dos dois grupos separadamente:

1) *Os talismãs.* De modo geral o talismã é um objeto ao qual se atribuem grandes virtudes de operar positivamente sobre os outros, mesmo à distância, obedecendo à vontade do dono. Com o talismã pode-se fazer o bem e o mal que se deseja. Coloca à disposição do portador o serviço de entidades mágicas. Facilita a realização de todos os desejos. Domina gigantes e demônios. Atrai freguesia e riqueza. Ajuda nas conquistas amorosas, etc. Mas o talismã deve ser convenientemente preparado pelos feiticeiros e nisso está um segredo profissional deles e que eles não revelam sob pena de perder a força. Cada ramo “ocultista” possui seus talismãs específicos. Assim temos os talismãs dos astrólogos, dos quiromantes, dos cartomantes, dos umbandistas, etc.

Os objetos mais usados para a confecção do talismã são: ôlho de bôto, o uirapuru, canela de socó, rabo de tamancuaré, pedra de cevar, cavalo-marinho, estrêla-domar, môcho, ouriço prêto, coruja preta, cabeça de víbora, perna esquerda da galinha preta, osso da cabeça de gato prêto, sapo com olhos cosidos, agulha passada três vêzes por um defunto, cêra de brandão, etc. Exemplo de preparação para um talismã de cêra de brandão: conseguir uma porção de cêra amarela das velas que se levam acesas ao lado dos trens mortuários, derretê-la ao fogo de lenha de cipreste enquanto o morto não estiver enterrado; preparada assim, será arma poderosa para se tornar amado. O homem que possui êste talismã faz com que a mulher lhe obedeça em tudo; e para isto é suficiente acender um pavio com esta cêra de forma que a dama de seus pensamentos veja a luz...

O talismã, em outras palavras, é o temido feitiço. E há feitiço para tudo:

- para fazer mal a alguém;
- para transformar o bem em mal;
- para ganhar no jôgo;
- para fazer uma pessoa falar quando estiver dormindo;
- para dominar as almas do purgatório;
- para desligar amizades;
- para castigar as pessoas que nos querem mal;
- para encantar dinheiro;
- para prender o demônio no corpo de uma pessoa;
- para ser seguido por um cão;
- para fazer uma mulher dizer o que não quer;
- para prejudicar a saúde de uma pessoa;
- para prejudicar os negócios de alguém;
- para destruir a felicidade de uma pessoa;
- para impedir o ato sexual de determinada pessoa;
- para que a mulher não tenha filhos;
- para se tornar invisível;
- para ver o futuro;
- para prejudicar a colheita;
- para arruinar o rebanho;

- para impedir a volta de uma pessoa ao lar;
- para que os sonhos se tornem realidade;
- para ganhar a sorte grande;
- para ter um filho do sexo desejado;
- para fazer com que simpatizem conosco;
- para obrigar um homem a casar com a amante;
- para obter o amor das mulheres;
- para dominar uma mulher;
- para obrigar o marido a ser fiel;
- para que o homem não se separe da mulher;
- para fazer voltar o marido ou o amante;
- para realizar um casamento;
- para curar a frieza íntima da mulher;
- para uma mulher se livrar dum homem; etc., etc.

Tomemos alguns exemplos:

Para fazer uma mulher dizer o que não quer: colocar um Cavallo Marinho sob o travesseiro da pessoa e, quando estiver sonhando, perguntar o que quiser. Se quiser que a pessoa diga qualquer coisa estando acordada, deverá colocar o Cavallo Marinho num bôlso da pessoa, contanto que seja do lado esquerdo. Se, porém, a pessoa perceber, o processo fallará.

Para ganhar no jôgo: Umedeça-se o fel de um touro em sangue de corvo e ponha-se na pele uma enguia. Amarre-se a pele por seus dois extremos e exponha-se à influência das estrélas durante sete noites seguidas. Depois seca-se num forno e se faz com ela um bracelete para o braço esquerdo...

2) *Os amuletos*. Menos terrível, mais comum, mas igualmente supersticioso é o amuleto ou a mascote, objeto ao qual se atribui o poder de afastar desastres, conjurar malefícios, neutralizar perniciosos eflúvios, evitar maus olhares, afastar o mal, defender da perversidade alheia e proteger contra as fôrças adversas. O amuleto se opõe ao talismã. Os homens o prendem à corrente do relógio. As mulheres usam-no pendurado ao pescoço, prêso à roupa interna, ou como berloques, colares e pulseiras. O amuleto é de uso imemorial e uma constante etnográfica em todos os povos de todos os tempos. Há amuletos de uso universal, como: figa,

ferradura, trevo de quatro fôlhas, elefante em estatuetta, fôrça, corcunda, pomba, cobra mordendo a cauda, coração, cordeiro, gato prêto, sino, etc. Quantas vêzes vemos a mascote, nas curiosas formas de manipansos e fetiches, a bambolear atrás do pára-brisa dos automóveis de luxo...

O mais popular e conhecido é a figa: a mão humana, estando o polegar entre o indicador e o médio. Dizem que simboliza a reprodução. E' usado no mundo inteiro. Tôda literatura européia do passado conhece êsse poderoso afastador do mau olhado. "Em bronze, barro, esculpida, desenhada, gravada em frescos, mosaicos, peças votivas, a figa aparece em tôdas as coleções etnográficas, fartamente deparada nas escavações de Herculano e Pompéia, como nos túmulos pré-românicos, esparsa por todo o círculo mediterrâneo" (L. da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 1954, p. 262). "Confeccionadas nas mais variadas matérias, são dos mais diversos acabamentos. São de ouro, osso, azeviche, de unicórnio, coral (vermelho e branco). De unhas bem polidas, pontiagudas, com anéis, com pulseiras, com babado de renda na manga. E temos ainda essas encantadoras figas de côr, para várias finalidades: a preta, que livra do mau olhado; a vermelha que dá sorte e é da côr de guiné; a amarela, boa para a memória; a rosa, que significa recordação; a verde, côr de arruda, que é também a da esperança. A figa esconjura o mal, o contratempo, a inveja e provoca os bons fados. A crença popular aconselha a quem perder uma figa não procurá-la, pois levou consigo todo o mal que devia cair sôbre a pessoa. As guardadas no armário atraem dinheiro; as achadas são ótimas como mascote, boa sorte; umas racham-se, partem-se ao meio pela fôrça do quebranto" (Furtunée Levy, cit. por C. Cascudo, loc. cit.).

Outro amuleto universal e antigo é a *ferradura*. Seu uso é ligado a S. Elói ou a S. Dunstan. Êste Santo, dizem, era ferreiro e foi procurado pelo diabo para que lhe consertasse o calçado. O Santo o reconheceu, amarrou-o no muro e tratou-o com tanta violência que Satanás suplicou, aos berros, misericórdia. O Santo libertou-o, depois de fazer prometer que jamais entraria num lugar onde estivesse exposta uma ferradura (cf. C. Cascudo, op. cit., p. 261). E assim usam a ferradura para afastar desgraças, invejas e o temidíssimo mau olhar e para atrair sorte e felicidade. E' afixada no alto das portas, pelo lado de dentro, em cima dos balcões ou na soleira, para evitar o fiado. Dizem que só tem fôrças se fôr encontrada casualmente na rua. Há também tipos maiores, de madeira, decorados e ornamentados para a entrada das salas elegantes. Já vimos uma casa com a fachada em forma de ferradura. Usam-na também como jóia, em miniatura, em metais preciosos. Já no sínodo de Laodicéia, no século IV, a Igreja reprovou e condenou êste uso das ferraduras.

Há amuletos para a proteção e defesa do homem, de animais, da casa e do sítio.

Para a defesa do homem:

— o ferrão da asa do quero-quero: preserva de muitos males e usado à noite, sob o travesseiro, produz sono sereno e despertar pontual e agradável;

— a mão cornuta: a mão em corno, com os dedos polegar, médio e anular dobrados para a palma e o indicador e o mínimo estendidos: isola...;

— dente de jacaré: tem vastíssimo emprêgo na medicina popular;

— fragmentos de arruda, alecrim e guiné;

— garrafa de água apanhada num rio no dia de S. João Batista: não se estraga e afasta o demônio;

— pata de coelho;

— chocalho de cascavel;

- fita vermelha: protege contra mau olhado;
- jurema, principalmente na zona em que domina o catimbó (Nordeste);
- “membrana da sorte” (pedaço da pelica com que nascem algumas crianças): procuradíssimo amuleto de boa sorte;
- cavalo-marinho;
- fita de santo ou medida de santo;
- ovo de galinha pôsto na manhã do dia da Ascensão: cura tôdas as doenças.

Algumas vêzes o uso do amuleto está condicionado por rigorosas determinações. Por exemplo, para o uso de uma certa medalha (“que livra de feitiços e de qualquer malefício”), exige-se um jejum rigoroso de nove dias...

Para a proteção e defesa de animais:

- sabugo, cortado em rodela e colocado como colar no pescoço dos animais, afasta doenças;
- fita vermelha no pescoço do terneiro: protege contra mau olhado;
- chifre enfiado num dos paus do batente da porteira: protege todos os animais...

A casa e o sítio têm as seguintes defesas:

- caveira de boi evita mau olhado na lavoura;
- ferradura na entrada, se tiver sete buracos, melhor...;
- machado colocado com o fio voltado para a tormenta: defende a casa contra tempestades. O mesmo efeito se consegue também com a foice, mas há, então, o perigo de apanhar tremenda bofetada invisível;
- espelho virado para a parede ou coberto por um pano: evita raios;
- condensador fluídico: uma solução aquosa ou oleosa, tendo em sua composição diversas essências ou tinturas;
- cambá, de proteção coletiva, residencial: é enterrado na entrada dos portões ou jardins, ou pendurado atrás das portas. E’ preparado mediante cerimoniais mágicos e secretos, com vegetais e animais mortos.

Basta, pois, abrir os olhos e ver-se-á a presença do mais puro paganismo entre os cristãos de hoje e do Brasil...

## BREVES E PATUÁS

Segundo investigações feitas em 1958 pelo Instituto de Pesquisas e Estudos de Mercado (IPEME)), entre 287.000 adultos das favelas do Rio, um total de 75,4% acreditam em “breves” e 19,4% confessam usá-los.

Breve ou patuá é um saquinho ou saquítel de pano ou couro, contendo coisas misteriosas: fórmulas raras, rezas fortes, nomes mágicos, figuras de Santos, pedaços de corporais, sanguinhos, pedra d'ara ou coisas da Igreja. O saquinho não deve ser aberto, sob pena de perder sua virtude. Dizem que dá saúde, protege nos empreendimentos, “fecha o corpo” e poderá, inclusive, tornar invulnerável seu portador. Deve ser trazido ao pescoço. Algumas pessoas usam um verdadeiro colar de bolsinhas contendo súplicas irresistíveis...

Deram-me um breve afamado no sertão baiano e que pertencera a um conhecido benzedeiro. Tratava-se de um saquinho de brim, muito usado, contendo orações em português e latim, com alguns sinais misteriosos. Dizia: “Aquêlê que trouxer consigo esta oração não morrerá afogado, nem de má morte, será livrado do contágio da peste e do raio, não morrerá sem confissão, será livre de seus inimigos, do poder da justiça e de ações más, do falso testemunho e a mãe que não puder parir, pondo-lhe esta oração ao pescoço, parirá logo e sairá do perigo”. Depois vem também terrível ameaça: “Aquêlê que não acreditar na presente Oração será amaldiçoado e seus filhos e lhe mandarei a fome, a peste, e guerra, dor, angústia do coração, em prova do meu desgosto. Aquêlê que julgar que estas letras não são escritas por obra divina, e ditadas por mão sagrada, será amaldiçoado”. Diz mais que quer crer na eficácia daquela oração, “ainda que tenham cometido pecado como estrêlas tem no céu, lhe serão perdoados”.

— Temos aí o tipo da oração supersticiosa e “forte”.

Há também patuás que contêm a Oração da Pedra Cristalina, que é para os valentes, os corajosos e os lutadores. “Raro será o brigão, diz Câmara Cascudo, que a desconheça. E’ de confiança absoluta. Sintetiza a oração-forte com tôdas as côres, características de credulidade e fé na irresistibilidade da súplica”. Eis aí o texto:

“Minha Pedra Cristalina, que no mar fôste achada entre o Cálice bento e a Hóstia consagrada. Treme a terra, mas não treme Nosso Senhor Jesus Cristo no altar. Assim tremam os corações dos meus inimigos, quando olharem para mim. Eu te benzo em cruz e não tu a mim, entre o sol, a lua e as estrêlas e as três pessoas distintas da Santíssima Trindade. Meu Deus! Na travessa avistei meus inimigos. Meu Deus! Eles não me ofenderão, pois eis o que faço com êles: com o manto da Virgem estou coberto e com o sangue do meu Senhor Jesus Cristo sou valido. Tem vontade de me atirar, mas não atirará e se atirar, água pelo cano da espingarda correrá. Se tiver vontade de furar, a faca da mão cairá. Se me amarrar, os nós se desatarão. Se me acorrentar, as correntes se quebrarão. Se me trancar, as portas da prisão se abrirão para me deixar passar livre, sem ser visto por meus inimigos, como passou Nosso Senhor Jesus Cristo no dia da Ressurreição por entre os guardas do sepulcro. Oferecimento: Salvo fui, salvo sou, salvo serei. Com a chave do sacrário eu me fecharei. Três paiminhos, três ave-marias e três glória-ao-pai”.

Temos aí, evidente, a confusão e a mistura de elementos cristãos com a mais pura superstição pagã. Outra oração, que deve ser rezada poucas vezes, porque “é muito forte”, é a da Cabra Preta, pedindo os auxílios do Cão (o demônio), de mistura com Santa Justina. Vamos transcrever esta oração, porque inclui ao mesmo tempo outra fortíssima, temida por todos os valentões, que é o chamado “Credo às avessas”. O texto é assim:

“Santa Justina disse que quem em campo verde andasse e uma cabra preta encontrasse, tirasse o leite e três pães fizesse,

um para Satanás, outro para Ferrabrás e outro para o Cão Coxo que não fica atrás. Minha Santa Justina, vós como tão poderosa, o Cão quero que me mande falar, sem me ofender nem me assombrar e antes me dar (*pede o que quer*). Se tiver de ser certo três sinais quero ver: cachorro ladrar, gato miar, galo cantar. O Credo às avessas vou rezar. Não creio em Deus Pai todo-poderoso, nem Criador do céu e da terra; nem creio em Jesus Cristo, seu único filho, que não foi concebido por obra e graça do Espírito Santo. Não nasceu de Maria virgem, nem sofreu sob o poder de Pôncio Pilatos, nem foi morto e sepultado e nem desceu aos Infernos, nem subiu ao Céu, nem está sentado à mão direita de Deus, nem julgará os vivos e os mortos. Não creio no Espírito Santo, nem na Santa Igreja Católica, nem na Comunhão dos Santos, nem na remissão dos pecados, nem na vida eterna. Valei-me as sete cabras pretas, valei-me os cinco milheiros de Diabos, valei-me os três do Oriente, valei-me as três almas encantadas, os três sinos de Salomão, pois quero com o Cão Coxo falar e Santa Justina há de mandar já e já. Minha Santa Justina disse que quem em campo verde andasse e três cabras pretas encontrasse três pães fizesse. Eu o fiz e tudo espero em ver, tocar, ouvir e falar. Amém”.

Vimos a coleção de orações especiais que o famoso bandoleiro Lampião trazia consigo. Eram deste tipo. Na verdade, orações dignas de um bandido...

## A INEFICÁCIA DOS FEITIÇOS

Lembrando os talismãs, objetos supersticiosos de ataque e conquista, identificamo-los com os temidos feitiços ou malefícios. Como são bem numerosos os feitiços e os feiticeiros no Brasil, sobretudo com o recente desenvolvimento da Umbanda com sua macumba, despachos e “trabalhos feitos”, torna-se também sempre mais angustiante o problema em torno da eficiência do malefício, da magia negra ou da “coisa feita contra a gente”. A dúvida que surge é esta: O feitiço como tal pode ter efeito?

Para podermos dar uma resposta exata, será necessário conhecer primeiramente a natureza do malefício. Trata-se geralmente de um sinal ou objeto preparado num ritual misterioso, com a evocação de estranhas entidades mágicas que lhe transmitiriam o poder de fazer o bem ou o mal conforme os caprichos de seu possuidor. Será possível confeccionar semelhantes objetos? Existirão de fato aquelas “estranhas fôrças ou entidades mágicas”? E’ certo que a Revelação Divina nos fala da existência real das “fôrças do mal”, do “tentador”, do “inimigo”, do “perverso”, do “príncipe dêste mundo”, de “satanás”, do “demônio”. Explícitamente somos advertidos pelo príncipe dos Apóstolos: “Irmãos meus, sêde sóbrios e vigilantes, porque o demônio, vosso adversário, anda em derredor como um leão a rugir, procurando a quem devorar: resisti-lhe firmes na fé” (1 Ped 5, 8-9). Para nós cristãos, pois, não há dúvida: o demônio existe e atua realmente entre os homens. Mas daí não se pode inferir sem mais nem menos que o demônio está também à disposição dos feiticeiros e malfeitores para executar fielmente suas perversas vontades. A questão de eficácia dos feitiços deve ser resolvida numa outra base: Terá o homem a faculdade ou a possibilidade de provocar por sua própria iniciativa e de modo eficaz uma atuação ou intervenção destas fôrças do mal? O homem pode, não há dúvida, querer ou desejar a presença do demônio, pode mesmo consciente e deliberadamente entregar-se a êle, pode ajoelhar-se perante satanás, adorá-lo e oferecer-lhe sacrifícios. Tudo isso, por mais deplorável, repugnante e pavoroso que seja, pode estar no abuso da liberdade humana. E’ o “mistério da iniquidade”, o tremendo mistério da desgraçada possibilidade de pecar, de revoltar-se contra o Criador e de pactuar com o mal. Outra, todavia, é a questão de

saber se o demônio pode ser como que forçado ou obrigado pelo homem mau a comparecer e a executar suas ordens: Bastará a má vontade de um feiticeiro ou balaô para lançar a ação diabólica contra uma outra pessoa?

Nossa firme resposta é totalmente negativa: *O homem não tem a faculdade ou a possibilidade de provocar por sua própria iniciativa e de modo eficiente uma atuação perceptível do demônio ou de qualquer outro espírito do além.* Esta é a razão por que sustentamos que o feitiço, o malefício, o despacho ou a magia são, como tais, ineficazes. O verdadeiro cristão não precisa ter medo do feitiço. Baseamos nossa afirmação sôbre os seguintes argumentos:

1) Cremos na Divina Providência: Nem os pássaros do céu caem em terra sem a vontade do Pai e até mesmo os cabelos todos de nossa cabeça estão contados: “Não temais, pois valeis mais do que muitos passarinhos” (Mt 10, 29-30). Dentro desta mensagem cristã não podemos sequer pensar que o demônio, só porque um mago ou feiticeiro o deseja ou quer, pratique ou deva praticar algum mal. “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas? . . . Olhai os lírios do campo: como crescem, não se fatigam nem fiam. Digo-vos que nem Salomão, em tôda a sua glória, se vestiu como um dêles. Se, pois, a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, Deus assim a veste, muito mais fará Êle convosco, homens. . .” (Mt 6, 25-33).

2) O demônio só pode atuar diretamente sôbre os homens com a permissão de Deus. Tôda intervenção preternatural é contra o curso ordinário e comum da natureza. Nem o desejo ou o capricho do homem, nem a gana ou o ódio de satanás podem perturbar a ordem

e as leis estabelecidas e mantidas pelo Criador. O soberano domínio de Deus e a total dependência de satanás reluzem com particular ênfase nas páginas do livro de Job: Em nada pode satanás ultrapassar os limites traçados por Deus. Mesmo para poder apoderar-se da manada de porcos em Gêrasa, teve o demônio que suplicar a permissão do Senhor. "Deus é fiel e não permite que sejais tentados acima de vossas forças" (1 Cor 10, 13).

3) O homem não dispõe de meios naturais para conseguir efeitos não naturais. Filosoficamente falando, o feitiço, como aliás tôdas as outras tentativas de provocar uma atuação perceptível de entidades ou forças do além, é um autêntico disparate: Pretende-se um efeito superior à causa, o que é impossível.

Não esqueçamos, todavia, que os malefícios, feitiços, despachos ou as macumbas podem ser causas naturais de efeitos psíquicos naturais: Pode alguém ficar profundamente impressionado e aterrorizado por algum feitiço, em cuja eficácia crê supersticiosamente, que produzirá, então, efeitos psíquicos anormais de mal-estar ou doença, etc. E não é preciso ser espírita, nem é necessário ter freqüentado sessões de centros e terreiros, para ser vítima desta mentalidade. Basta a atual intensidade da propaganda espírita para provocar esta verdadeira sugestão coletiva. O ambiente social em que vivemos está saturado destas idéias. Imprensa, rádio e televisão se encarregaram de impregnar a atmosfera com teorias supersticiosas e mágicas. Também o meio ambiente é um poderoso sugestionador. O mêdo, a credulidade, o maravilhosismo e outras disposições subjetivas, que não faltam no nosso povo morbidamente supersticioso, farão o resto. Precisamos, por isso, purificar esta atmosfera poluída de princípios e práticas nada cristãos. Recristianizemos

nossa vida religiosa popular, e já não haverá feitiços nem temores de malefícios. Façamos outra vez reinar Cristo em nós e já não precisaremos de amuletos para nos proteger ou defender.

## EXPLICAÇÃO SUPERSTICIOSA DAS DOENÇAS

A doença é o mal que mais aflige o homem. No combate à doença, portanto, a superstição encontrará o terreno mais propício e grato. Mas a credence não tem apenas um próprio e amplo receituário, ela defende também modos peculiares de ver e explicar as enfermidades. Ainda neste ponto a superstição permanece fiel ao seu princípio fundamental de fazer afirmações categóricas baseadas apenas na fantasmagoria. O supersticioso não aceita explicações claras e racionais: prefere vaguear num nebuloso e enigmático mundo de medonhos seres misteriosos. Imagina e cria os fantasmas mais disparatados, para então inventar meios de defesa não menos incongruentes. Segundo êle as doenças seriam causadas:

1) *Pela atuação de espíritos maléficos e trevosos:* Os crédulos vêm com facilidade uma imiscuição perceptível dos espíritos do além nas coisas dêste mundo. Como cristãos não negamos a existência e a atividade de espíritos maus. Contestamos, porém, que êles possam atuar livremente sôbre os homens de modo perceptível. Só com expressa permissão de Deus pôde o demônio causar em Job aquela asquerosa doença. Não queiramos, pois, ver com excessiva credulidade a presença ou a intromissão direta dos espíritos maus na nossa vida.

2) *Pelo encôsto de espíritos sofredores.* A propaganda espírita popularizou muito a idéia de “espíritos encostados” que provocariam na gente as mesmas

moléstias de que eram possuidores quando ainda em vida na terra. Nós, como cristãos, não admitimos que as almas dos mortos andem vagueando errantes por este mundo. Sabemos pela doutrina de Cristo que a alma humana logo depois da morte deve comparecer perante o juiz divino a fim de prestar contas de sua administração e que, então, ela ou é premiada com o céu ou condenada ao inferno. A Igreja nos ensina que algumas almas, antes de entrarem no céu, devem ainda passar por um estado e lugar de purificação; mas nem estas vagamundeiam por aí para causar doenças pelo encôsto. . .

3) *Pela lei do Karma*: Sustentam os reencarnacionistas que o sofrimento seria um inevitável castigo pelos crimes cometidos em vidas ou encarnações anteriores. A isso deram o nome de "lei do Karma". Nós cristãos, entretanto, não podemos concordar com a fantasia das reencarnações. "Está decretado que o homem morra uma só vez, e depois disto é o julgamento" (Heb 9, 27). Para o cristão o sofrimento não é necessariamente castigo de pecado: pode ser mera provação, como os casos de Tobias e Job.

4) *Pelas influências planetárias ou astrais*: Os astrólogos pretendem conhecer minuciosamente as doenças específicas causadas por cada planêta. Ainda teremos ocasião para desmascarar as fantasias do fatalismo astrológico. Não há influências astrais específicas e distintas para cada indivíduo humano. As influências do sol e das estrêlas são comuns e essencialmente iguais para todos os homens.

5) *Pelos fluidos maus e pesados*: Nos meios supersticiosos fala-se das vibrações desequilibradas do magnetismo animal, ou das fôrças mentais excessivamente poderosas e pouco harmoniosas em algumas pessoas e que causariam uma sobrecarga de fluidos ou

coisas semelhantes. Os espíritas propalam que tais pessoas têm muita mediunidade e que, para ficarem boas, precisam desenvolver a mediunidade". Mas hoje a ciência verdadeira, séria e científica já não admite nem os fluidos dos ocultistas, nem magnetismo animal dos mesmeristas.

6) *Pelo mau olhar*: Para os crédulos os maus pensamentos de ciúme, ódio, vingança e inveja causariam as mais graves enfermidades. Êstes maléficos sentimentos se manifestariam principalmente pelo "ôlho mau", o "ôlho grande", o "olhado" ou o temidíssimo "mau olhar". A doença daí resultante seria o assim chamado *quebranto*: "Espreguiçamento, bocejos repetidos, inapetência, desânimo, amanhecer cansado, saliva abundante, nos adultos. Nas crianças é o enfraquecimento progressivo, palidez, alheamento, chôro inexplicável". — Baseia-se a imaginação do "mau olhar" sôbre um mentalismo exagerado e fantasioso, propagado sobretudo pelas "ciências ocultas", que não merecem absolutamente nenhum crédito.

Como se vê: caminhos bem misteriosos, enigmáticos e problemáticos para explicar a origem das doenças. A esta obscura diagnose corresponderá um receituário não menos ridículo e supersticioso.

## ABUSÕES MEDICINAIS

Têm os supersticiosos modos próprios de explicar a origem das doenças. E por isso mesmo fansiaram também meios específicos para conjurar êstes males. Orações fortes, talismãs, amuletos, patuás e coisas dê-se gênero já foram comentados. Os centros espíritas, os terreiros de Umbanda, os tattwas dos esoteristas e os demais antros ocultistas terão sempre recursos vários, de acôrdo com a fácil diagnose por êles feita: A fôrça da "simpatia", os defumadores, os banhos de

cheiro, as águas magnetizadas ou fluídicas e, sobretudo, os “passes”: eis aí alguns “remédios” baratos e fáceis para quebrar a fôrça da enfermidade.

“Em cada vila, em cada região do nosso *hinterland*, encontra-se em ação o curioso tipo do curandeiro. E’ geralmente um velho de feições mediúnicas. Costuma falar consigo mesmo, o que é interpretado pelos demais como um poder sobrenatural (dizem: “Quem fala sòzinho está falando com o diabo”), e geralmente se entrega ao vício de bebidas espirituosas. E’ recebido pelos ricos e pobres, com o máximo de respeito, e procurado diàriamente, para resolver os assuntos mais complexos, servindo suas orações para fazer aparecer um objeto perdido, encaminhar uma rês ao curral ou simplesmente para curar os que estão carecendo de cuidados médicos”. “No seio de sua coletividade, desde pequeno, o nosso rezador ou curandeiro mostrou-se diferente dos demais, com certos poderes: picado por cobra venenosa, reagiu bem. Sarou. Exibe, embaixo da língua, os dois pontos pretos, privilégios dos que são “curados de cobra”. Cresceu mais afoito, desembaraçado, cõnscio de um poder sobrenatural, reforçado futuramente com as orações que procurou aprender entre os de sua família. Agora, ao chegar à idade provectora, é homem santo, capaz de revolucionar os seus companheiros da vila onde mora, assombrando a todos com as curas maravilhosas, que julgam terem surgido à sua inspiração. Reservado, sóbrio, não gosta de passar a terceiros o que aprendeu. Por analfabetismo ou por outra incapacidade, nega-se peremptõriamente a escrever as orações que sabe” (Eduardo Campos, *Medicina Popular*, p. 37 e 152).

Vejamos primeiro alguns “remédios” gerais, para passar depois às receitas particulares:

*Banhos de cheiro*: são banhos feitos com fins e métodos supersticiosos, para lavar o corpo das infelicidades, fluidos, pesos, malefícios, atrasos, do caiporismo, do enguiço e das urucubacas. Servem também para trazer sorte, saúde, felicidade, fortuna. Sua composição varia consideravelmente de acordo com a finalidade desejada. Nos jornais podem-se encontrar anúncios das casas especializadas neste ramo. Em nossa coleção particular temos banhos de descarga, tira-teima, abre caminho, vence demanda, comigo ninguém pode, abre porta, desmancha demanda, etc. Geralmente entram na composição as seguintes ervas: arruda, alecrim, manjerição, manjerona, malva rosa, malva branca, vassourinha, alfavaca, capim santo, manjerioba, fedegoso, erva cidreira, hortelã, etc. Os livros umbandistas costumam trazer as receitas e composições mais variadas, o processo de arranjar a mistura, os ingredientes auxiliares, orações e esconjuros, horário da cerimônia, obrigações durante e depois do banho, etc.

O *defumador* é outra defesa geral, principalmente contra o mau olhado, o feitiço, contra inimigos fortes, forças contrárias, fluidos pesados, miasmas psíquicos, larvas astrais, vampirismo consciente ou inconsciente, doenças ocultas, etc. Usam para isso as mesmas ervas do banho de cheiro, mais o cravo sêco, eucalipto e incenso. Também aproveita muito o defumador de cupim, e de penas de galinha, contanto que seja preta. . .

Contra o *quebranto* ou o *mau olhado* haverá fácil proteção. A arruda é formidável, ou em forma de figa, ou como banho, ou um galinho dela atrás da orelha, ou, então, basta tê-la em casa para distanciar os maus elementos. Ótimo é também benzer com três galinhos de alecrim, em cruz, sobre o paciente, rezando: "Com dois te botaram, com cinco te tiro; em nome do Pai e

do Filho e do Espírito Santo, amém”. Quando se elogia uma criança, para defendê-la contra a inveja, deve-se acrescentar imediatamente: “Benza Deus”, senão ela apanha quebranto... E aí vão outras receitas:

— dor de dente: colocar numa encruzilhada três sabugos de milho: quem os chutar ficará com a dor;

— cobreiro: traçar à sua volta quatro cruces de tinta azul, três dias seguidos;

— dor de ouvidos: passar três vêzes sôbre o ouvido o rabo de um gato prêto, em jejum;

— embriaguez: terra da cova de um “anjinho”, colocada na garrafa de cachaça faz com que, quem dela beber, nunca mais queira beber;

— sapinho nos recém-nascidos: num chiqueiro deve ser murmurado por várias pessoas êste ensalmo: “Porcos e porcas que comerem aqui, sapo e sapinho que fiquem aqui”. Repete-se três vêzes, depois disso dá-se a criança a uma mulher virgem chamada Maria, mas por cima do côcho em que se proferiu o ensalmo;

— passando com a chave do sacrário pelo sapinho, êste desaparece;

— à pessoa que deita sangue pelo nariz, manda-se pôr uma cruz de palha de milho sôbre a cabeça;

— evita-se a coqueluche andando com um saquítel pendurado no pescoço e que contenha três dentes de alho, que devem ser trocados cada ano;

— se estiver andando e ficar com dor no lado, levante uma pedra, cuspa no lugar e recoloque a pedra e a dor desaparecerá;

— contra espinhela caída: Benzer rezando: “Assim como o padre veste e reveste para celebrar a santa missa, assim espinhela você cai em seu lugar. P. N. e A. M.”;

— para que nasçam bons dentes: quando cair um dente de leite, deve ser jogado no telhado dizendo o seguinte: “Mourão, mourão, toma lá um dente podre e dá-me um são”;

— contra rendidura: colocar sôbre ela um pedaço de toucinho fresco e no dia seguinte enfiá-lo num buraco de figueira;

— contra engasgo: correr ao fogão e virar um tição em posição contrária na fomalha; ou bater nas costas do engasgado: “São Brás! São Brás! São Brás!”;

— para a criança aprender a falar: coloca-se na bôca da criança um pintinho recém-nascido, a piar, por três vêzes seguidas; ou leva-se a criança a uma igreja e bate-se com

sua cabeça três vezes no sino; ou coloca-se água numa campainha da igreja e dá-se à criança para beber;

— contra asma: encerrar numa bolsa de pano três formigas chiadeiras, quando deixam de chiar a asma desaparece; ou pôr a ponta duma tripa de porco na bôca de um gato e outra ponta na bôca do doente, mandar que êle sopra três vezes e deixar que o gato coma a tripa tôda; ou pescar um peixinho, cuspir-lhe três vezes na bôca e devolvê-lo ao rio, depois voltar para casa sem olhar para o rio e nunca mais aparecer por lá;

— contra cisco no ôlho: dizer: “Santa Luzia passou por aqui com seu cavalinho comendo capim”;

— contra queimadura: benzer jogando respingos de água na vítima e rezando: “Santa Aurora tinha três filhas: uma lavava, outra cozia e outra o fogo ardia”; ou rezar: “A água é fria, mas não tem frieza; o fogo é quente, não tem calor. Jesus Cristo não sofre dor”, mais um P. N. e A. M. oferecido à paixão e morte de Jesus;

— contra cachumba: ficar em frente de uma parede lisa e recitar: “Cachumba Pereira, não te devo nada; e se o devera, toma de umbigada”; quando disser “umbigada”, dar uma barrigada na parede. O doente deve dançar enquanto recita o versinho e repetir três vezes; ou passar sôbre a cachumba uma colher de pau aquecida ao fogo;

— contra o soluço: contar os dedos das mãos;

— contra o terçol: ao amanhecer olhar o sol nascente por um vidro de óleo vazio e dizer três vezes: “Sol, solzinho, leva meu irmãozinho, tira meu terçol”; ou, pela manhã, antes de conversar com qualquer pessoa, colocar sôbre o ôlho do doente uma aliança e olhar para o sol;

— contra o mêdo da criança: bater com um cipó de batata-doce dialogando assim: “Que é que corto? — Mêdo”. Repetir três vezes, cortando a rama cada vez que perguntar;

— para passar a ânsia de vômito: segurar firme uma chave;

— para ter pele bonita: lavar-se com a água que deu o primeiro banho em um recém-nascido;

— para conseguir parto fácil há muita escolha: o marido deve correr três vezes em redor da casa levando consigo um machado; a parturiente deve vestir a camisa do marido e colocar o chapéu dêste em sua cabeça; o paletó do marido vestido às avessas também resolve; grande remédio é o marido da parturiente montar na parteira e dar voltas pela casa; mas o contrário também é eficiente: a parteira montar no

marido da parturiente; pendurar no pescoço da parturiente um patuá feito com a bolsa de um gambá;

— contra a verruga o número de receitas é extraordinário e temos mais de vinte na coleção. Eis algumas: esfregar com sal e jogar o sal no fogo e sair correndo para não ouvir o estalo; miolo de pão umedecido em saliva e colocado sobre a verruga é formidável; passar a mão pela verruga ao ver uma estrêla cadente; contar quantas verrugas tem, colocar numa caixa de fósforos outros tantos feijões e atirá-la no meio da rua: quem a recolher levará as verrugas; ir ao mato e quando ouvir o canto do uru, coçar as verrugas com tôda a fôrça; esfregar nas verrugas terra de formigueiro, que deve ser atirada para trás, sair correndo e gritando sem olhar para os lados; jogar pitadas de sal ao fogo; procurar um osso no campo, esfregar na verruga com a parte do osso que estava voltada para o chão, recolocar o osso e sair em disparada.

Não poucas vêzes as receitas misturam o ridículo com o sagrado. Encontramos num jornal a seguinte “simpatia para curar erisipela”: compre lacre vermelho e derreta-o, tendo já preparada uma chapinha de cerveja sem o disco de cortiça e bem limpa; derrame um pouco de lacre na chapinha, sôbre êle coloque uma medalha de Nossa Senhora das Graças, e cubra com mais lacre. Da medalha ficará só a argola do lado de fora. Entie vários fios de linha vermelha na argolinha e amarre na perna atacada de erisipela, logo abaixo do joelho...

Problema particular é o da cura das *bicheiras nos animais*. Muitíssimas vêzes perguntaram-nos sôbre isso. Também aqui os processos são variadíssimos:

— retira-se com uma faca a terra do rasto que o animal deixou e vira-se, amassando outra vez a terra; quando a grama enterrada estiver sêca, a bicheira estará curada;

— leva-se o animal para um gramado, pega-se de um facho e corta-se o capim em forma de X, seguindo o corte esta direção: da parte dianteira direita à parte esquerda, e da parte dianteira esquerda à direita. Em seguida enfia-se uma

mecha de capim na ferida e dentro de dez dias a bicheira desaparece;

— esta vai à distância: tomar uma haste de capim, armar um nó e mirar a bicheira pelo orifício do nó; fechar o nó e atirar para trás. Dois dias depois a bicheira cura;

— fazem-se também benzeduras com raminhos de arruda, manjeriço ou alecrim e outras plantas de “poder divino”;

— dar três nós numa palha, jogá-la pelas costas sem olhar para trás, recitando o Credo;

— benzer três vêzes com um raminho de alecrim dizendo: “Assim como serviço de domingo, de dia santo, num leva ninguém adiante, as língua má e desacreditada fala do que vê e do que num vê, assim o bicho desta bichêra hai de cair tudo, ou vivo ou morto, de 1 em 1, de 2 em 2, de 3 em 3, de 4 em 4, de 5 em 5, de 6 em 6, de 7 em 7, de 8 em 8, de 9 em 9”. Jogar o ramo de alecrim no fogo.

Dizem muitos que de fato a bicheira cura. Alguns asseguram mesmo que os bichos caem na hora. Mas nunca tivemos a sorte de encontrar alguém que viu os bichos cair. As receitas aqui registadas evidentemente são em si ineficazes. Nem se pode, no caso, falar em sugestão. Entretanto, devemos lembrar que a própria natureza dos animais terá algum meio para se defender. Assim é que o boi tem a capacidade de atingir com a língua áspera e rude quase tôdas as partes do corpo, podendo distribuir também amplamente sua saliva. Não haverá nisso mais fôrça curativa que no rasto virado? Notaram alguns que os benzedeiros curam tôdas as bicheiras, menos aquelas que estão na cabeça da rês: é porque aí não alcança a língua... João Dornas Filho, em *Capítulos da Sociologia Brasileira*, Rio 1955, p. 10, nota, cita a seguinte observação: “Como se sabe, as larvas da “*Dermatobia hominis*” costumam abandonar o hospedador ao cabo de seis semanas aproximadamente, e quase sempre de manhã. O vaqueiro experimentado conhece empiricamente o ciclo do destrídeo. Aguarda a evolução da larva e, com o romper do dia, encena o seu

“dom sobrenatural”, que o torna respeitado de todos”. E esta operação poderá ser realizada mesmo à distância de léguas...

## POSIÇÃO PERANTE O CURANDEIRISMO

Multiplicam-se assustadoramente pelo Brasil os curandeiros e benzedeiros de toda espécie. Qual deverá ser a atitude do católico diante das pessoas que pretendem curar doentes sem nenhum título reconhecido de habilitação? Para podermos tomar uma posição justa, será necessário distinguir quatro tipos diferentes de curandeiros:

1) *O curandeiro espírita*, que pretende ou alega curar por meio da evocação de espíritos, pouco importa se dentro ou fora do centro espírita ou do terreiro de Umbanda, se ligado a uma entidade espírita ou isolado e inteiramente por conta própria. O essencial deste tipo é que êle diz receber um “espírito curador” ou outro qualquer “médico do espaço”. Nossa posição diante deste tipo de curandeiro deve ser total e enérgicamente negativa. Diz o Senhor: “Não vos dirijais aos magos!” (Lev 19, 31). O mandamento divino que proíbe a evocação dos espíritos é claro, severo e insistente. E ainda que bem provavelmente a evocação como tal não seja possível, existe todavia o desejo, a vontade ou o propósito da evocação. E isso basta para o pecado. Querer matar ou roubar já é pecado, ainda que de fato não se mate ou roube. Assim também já é pecado o querer evocar um espírito, ainda que de fato o espírito não compareça. E êste é o pecado do Espiritismo e dos que vão aos centros, aos terreiros, às tendas ou aos curandeiros espíritas.

2) *O curandeiro supersticioso*, que usa meios completamente inadequados e desproporcionados, envolvidos numa atmosfera de credice e mistificação. E’ ver-

dade que êste tipo de curandeiro não é nem quer ser “médium”, nem faz evocação, mas reza orações ridículas e absurdas e faz gestos e trejeitos sem sentido nem fundamento. Inspira-se geralmente em livros supersticiosos e condenáveis, como: “O Antigo e Verdadeiro Livro de São Cipriano”, “O Livro da Bruxa”, “Cruz de Caravaca”, “Enquiridião do Papa Leão”, “O Dragão Vermelho” e outros dêste tipo, da mais baixa e indigna bruxaria. Os fiéis de Cristo não podem conviver com semelhante literatura, nem praticar as superstições aí recomendadas. Não merecem, por isso, os curandeiros supersticiosos a atenção e a benevolência dos católicos. Rezemos por êles para que se convertam.

3) *O curandeiro prático ou curioso*, que entende algo de doença e medicina, de psicologia e de sugestão. São muitas vêzes pessoas bem intencionadas. As mais das vêzes aprenderam o curandeirismo nos livros ou cursos do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, duma organização rosacruziana ou de outras sociedades “ocultistas”. Em alguns casos de doenças puramente funcionais podem ter resultados apreciáveis. Entretanto, geralmente não têm competência para diagnosticar doenças orgânicas. Por meio de hábeis sugestões são capazes de tirar a dor e produzir a ilusão da cura, quando na realidade a lesão interna continua seu trabalho de destruição dos tecidos. Êste é, na verdade, o grande perigo e pode mesmo ser o grande crime do curandeirismo. E’ por isso que o Código Penal Brasileiro proíbe semelhantes práticas. Mas êste terceiro tipo de curandeiro é, sobretudo, um problema da alçada da Polícia ou do Ministério da Saúde e não pròpriamente da Igreja. Mas os católicos devem respeitar também as disposições do Código Penal que, no artigo 284, determina o seguinte: “Exercer o curandeirismo: I — prescrevendo, ministrando

ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II — usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III — fazendo diagnósticos. Pena: Detenção de 6 meses a 2 anos”.

4) *O curandeiro carismático*. É São Paulo quem nos fala do “dom de curar” (1 Cor 13, 9). Não podemos excluir a possibilidade do carisma, principalmente em lugares abandonados, no interior, onde não há médicos. Entretanto, devemos ter muita prudência na afirmação positiva do carisma. Haverá sempre necessidade de investigar com cuidado tôdas as circunstâncias: sujeito, objeto, lugar, meios, finalidade, modo e tempo e ver se em uma ou outra ocorre algo de positivamente suspeito ou supersticioso. Se tudo fôr bom e cristão, não vemos razão por que impedir os fiéis na consulta.

Em resumo, pois, nossa atitude será esta: Diante do curandeiro espírita: vigorosa interdição, sob pena de excomunhão; diante do curandeiro supersticioso: absoluta proibição, sob pena de pecado; diante do curandeiro prático: prudente reserva; diante do curandeiro carismático: discreta aprovação.

## SÓBRE A LICEIDADE DO HIPNOTISMO

Cresce constantemente o interêsse pelo hipnotismo. Médicos e dentistas anunciam tratamentos pela hipnose. São também sempre mais numerosos os espetáculos de hipnotismo, dados por exploradores que se arrogam o pomposo título de “Professor” (não protegido por lei), mas que de fato não têm outros conhecimentos, nem outra competência senão os de saber impressionar o povo. Andam de cidade em cidade e geralmente são muito bem recebidos. Tudo isso pode desorientar a gente simples e causar confusão. Julga-

mos, por isso, oportuno compendiar as normas gerais que regulam o assunto. Do ponto de vista religioso, moral e científico devemos orientar-nos pelas seguintes diretrizes:

1) O sono hipnótico provocado é um estado perfeitamente natural e nada tem a ver com o além ou com espíritos do outro mundo.

2) A hipnose praticada pelo médico, a serviço de um fim clínico, observando tôdas as precauções tanto da ciência como da ética medicais, é lícita e pode ser praticada, porque neste caso a supressão da consciência é permitida pela moral natural e compatível com o espírito do Evangelho.

3) E' permitida também a hipnose praticada por pessoas competentes para fins verdadeiramente científicos.

4) Não se pode permitir a hipnose, nem mesmo para fins clínicos, quando praticada por pessoa incompetente, sem o suficiente preparo técnico e o adequado conhecimento científico.

5) Não é permitido praticar a hipnose a título de pura experiência e como passatempo, ainda que o hipnotizador seja preparado e competente.

6) E' ilícito qualquer espetáculo público de hipnotismo sôbre grupos de pessoas, ainda que seja sob o pretêxto de combater ou desmascarar o Espiritismo. Baseia-se esta última norma sôbre as seguintes razões:

a) O operador não pode controlar rigorosamente a ação e a reação de cada indivíduo, o que é absolutamente indispensável, já que está atuando sôbre a parte mais íntima e sagrada da personalidade humana;

b) em algumas pessoas a hipnose, quando feita para divertir ou brincar, pode causar profundas perturbações e transtornos psíquicos;

c) nas demonstrações hipnóticas de palco ou televisão foram constatados, de maneira inequívoca, fe-

nômenos de despersonalização, isto é, sugestão de que o paciente tinha outra identidade, Hitler, por exemplo, fenômeno êste totalmente contra-indicado do ponto de vista psiquiátrico;

d) em espetáculo de hipnose coletiva nem todos caem na mesma profundidade do sono provocado. Verificam-se também reações diferentes às sugestões dadas. Daí se infere que a natureza da sugestão deve ajustar-se ao grau de sono obtido, coisa a que os hipnotizadores de palco não atendem nem podem atender. Uns entram fàcilmente em determinado sono, outros com muita dificuldade, outros ainda parecem negar-se a aceitar estados mais profundos. Uns reagem prontamente e bem dispostos, outros penosamente, dando demonstrações de desagrado. Uns suam, outros ficam com as extremidades frias. Alguns tremem e chegam a contorcer-se, outros permanecem tranqüilos e parecem descansar em sono agradável. Uns acordam sorridentes e satisfeitos, outros continuam sonolentos, com tonturas e dores. De tudo isso se conclui que cada pessoa deve ser tratada individualmente, com muito cuidado e competência e que a hipnose coletiva ou de grupos é perigosa e deve ser interdita;

e) sobretudo as crianças e certas pessoas sugestionáveis correm perigo, notadamente de ordem psicológica, mesmo quando apenas assistem a certos espetáculos de hipnose, encenadas para impressionar.

Condenamos, por isso, sem reserva, como desnecessários e perigosos todos e quaisquer espetáculos ou demonstrações de hipnotismo de grupos ou de palco. O Papa Pio XII, numa alocução no dia 24 de fevereiro de 1957, depois de reconhecer a liceidade da hipnose praticada pelo médico ao serviço de um fim clínico, insiste no seguinte aviso: "Mas não queremos que se estenda, pura e simplesmente, à hipnose em geral, o que

dissemos da hipnose ao serviço do médico. Com efeito, esta, como objeto da investigação científica, não pode ser estudada por quem quer, mas por um sábio e dentro dos limites morais que valem para tóda a atividade científica. Não é êste o caso de qualquer círculo de leigos ou eclesiásticos que a praticassem como coisa interessante, a título de pura experiência ou mesmo por simples passatempo”.

### CRENDICES VAS

A crédula fantasia popular descobriu inúmeras particularidades na vida cotidiana e que determinaram todo um curioso cerimonial de ridículas superstições e crendices. Não soubéssemos que muitos tomam a sério estas aparentes brincadeiras, não nos ocuparíamos com elas senão para distração. São ainda vestígios do paganismo no nosso ambiente cristão. Assim, há muita coisa que *não presta*, a saber:

- passar por debaixo de uma escada: dá má sorte;
- matar sapo: traz malefícios e chuvas desnecessárias;
- matar qualquer animal na sexta-feira santa: atrai desgraças;
- construir casa em lugar onde caiu raio: vai cair novo raio;
- permitir que doente mude de cabeceira: não sara mais;
- passar a vassoura nos pés de môça solteira: custará casar;
- comer com chapéu na cabeça: o diabo se ajunta à mesa;
- entrar em casa nova com pé esquerdo: traz desgraças;
- menino brincar com o fogo: urina na cama;
- pronunciar a palavra “morte”: aí ela vem;
- deixar a tesoura aberta: sinal de morte;
- olhar um entêrro até que desapareça na esquina: vai ser enterrado também;
- saltar da cama com o pé esquerdo: atrapalha o dia;
- criar pombas: voando embora, levam a sorte;
- acender quatro velas numa mesa ou sala: atrai a morte;
- apontar ou contar estrêlas: cria verrugas;
- ter treze pessoas sentadas à mesa: uma delas vai morrer;

— ter penas enroladas ou palhas entrelaçadas no travesseiro: traz doença;

— dormir com os pés para a porta da rua: agoura a morte;

— derramar sal na mesa, faltará o pão;

— entrar por uma porta e sair pela outra: leva a sorte;

— cortar o cabelo numa sexta-feira: a pessoa enlouquece;

— colocar duas vassouras juntas num canto da casa: dará briga na família;

— guardar espelho quebrado: atrai desgraça;

— andar de costas: morrerão os pais;

— fazer mudança em sexta-feira: não dará certo;

— padre passar entre duas mōças: não encontrarão marido;

— coser roupa no corpo da pessoa viva: vai morrer;

— casar em agosto, numa sexta-feira ou num dia 13: não dará sorte;

— deixar a vassoura virada atrás da porta: faz a visita sair;

— quatro pessoas se cumprimentarem cruzando as mãos: cortam casamento;

— cortar cabelo e queimá-lo: produz loucura;

— trabalhar no dia de S. Luzia: sofre acidente nos olhos;

— deixar morrer a galinha na mão: a mão tremerá a vida toda;

— comer coração de galinha: vai ficar medroso;

— pular sōbre a sepultura: terá morte em breve;

— colocar sal no fogo: afugenta visita;

— matar gato: atrasa a vida por sete anos;

— comer frutas gêmeas: terá gêmeos;

— dar nome do irmão falecido aos filhos: eles vão morrer;

— caçoar dos defeitos dos outros: terá os mesmos defeitos;

— criança passar por baixo dos braços de duas pessoas que se dão as mãos: deixará de crescer;

— matar grilo: dá azar;

— pisar no rabo de gato: atrasa a vida;

— ter sapo debaixo da cama faz a pessoa adoecer;

— passar por baixo do arco-íris: mudará de sexo;

— rezar mal o Credo no batismo: a criança comerá barro;

— apontar com indicador para melancias e outras frutas: vão morrer;

— passar sob uma ponte quando passa um veículo: terá desastre com tal condução;

— varrer a casa jogando o lixo para fora: a sorte sai também;

- botar a mão na nuca: a mãe vai morrer;
- ter elefante em estatueta voltado com a frente para a porta: sai defunto de casa;
- a criança passar por entre as pernas de alguém: não cresce mais;
- estar deitado quando um entêrro passa pela porta: em breve morrerá;
- guardar pica-pau em casa: dá azar;
- gato preto: encaipora a casa;
- duas pessoas lavarem as mãos na mesma bacia e enxugarem na mesma toalha: brigarão na certa;
- varrer à noite: há de morrer inchado;
- sair de casa ao toque do meio-dia: traz desgraça;
- casar no dia de Sant'Ana: a noiva morrerá de parto;
- criança que não chorar na hora do batismo: terá pouca sorte.

Mas êstes males muitas vêzes poderão ser conjurados, não apenas por meio de amuletos ou talismãs, mas por outros recursos da hora:

- quando fôr necessário coser roupa no corpo de pessoa viva, deve-se dizer: "Eu te coso vivo e não morto";
- havendo treze pessoas sentadas à mesa: uma deverá levantar-se e comer em separado ou será necessário convidar mais uma pessoa;
- se a criança passou por entre as pernas de alguém: passe outra vez em sentido oposto;
- ferradura encontrada na estrada, para não dar azar, deve ser atirada para trás e por cima da cabeça;
- quando canta a coruja, evita-se o malefício virando o chinelo;
- cuspir para trás, sem voltar a cabeça, é remédio certo contra qualquer imprevisto da hora;
- cuspir de manhã três vêzes numa ferradura, evita males do dia;
- quando a criança não chora no batismo, a madrinha deverá beliscá-la até chorar.

E' bom:

- colocar a tesoura aberta debaixo do travesseiro dos sonâmbulos: com isso não levantam;
- encontrar um ninho de quero-quero: dá sorte;

— enfiar no cemitério uma camisa ou outra peça de roupa;

— colocar de baixo da cama uma vara de cipó: afugenta as cobras;

— matar a galinha que canta como galo: evita desordens em casa;

— tirar um tição do fogo na hora da tempestade;

— desfazer com os pés pauzinhos formando cruz;

— espetar um alfinete na roupa do marido: assegura a fidelidade;

— comer "louro" (tendão) atrás da porta: vai ficar bonito.

Há também numerosos sinais:

— sentir cheiro de vela: sinal que alguém da família morreu;

— ouvir zumbido no ouvido: sinal que alguém está pensando em nós;

— galo canta na porta: sinal de morte de um parente;

— chove e o sol brilha: sinal que a rapôsa casou;

— cometa: sinal que haverá calamidades;

— caiu um talher: sinal que haverá visita;

— sentir coceira na palma da mão: sinal que vai receber dinheiro;

— sentir coceira na sola dos pés: sinal que vai viajar;

— a criança nasce empelicada: sinal de boa sorte na vida;

— a criança está a "plantar bananeira": sinal que terá irmãozinho;

— a mósca teima em incomodar: sinal de conversa importante;

— o fogão chia e o lenho estala: sinal de visita na certa;

— borboleta preta entrou em casa: sinal de morte;

— vestiu roupa pelo avesso, em ser de propósito: sinal que vai receber dinheiro;

— o cão uiva perto da casa do doente: sinal que a morte não demora;

— a coruja pia à noite no telhado: agouro de morte;

— o sino e o relógio tocam ao mesmo tempo: haverá morte na certa...

Eis a credence. São apenas mais alguns aspectos da superstição que domina o nosso povo. Sinais da presença do paganismo em nossa vida cotidiana. Sinal também de que precisamos ainda de muita luta para sermos cristãos mais autênticos.

## A ORIGEM DAS SUPERSTIÇÕES

Dizem que a Igreja Católica foi a grande causadora e introdutora das superstições. Suas doutrinas sôbre a existência do demônio e a atividade dêle entre os homens e no mundo, sôbre as almas do purgatório e a oração por elas, sôbre o culto dos santos e a comunhão com êles, sôbre os sacramentos e seus efeitos ex opere operato, sobretudo seu ritualismo externo, a variedade de suas devoções, tríduos, novenas e oitavas e, não em último lugar, a instituição de bênçãos, exorcismos e sacramentais, com medalhas bentas, água benta, ramos bentos, sal bento, etc. — tudo isso teria sido a inesgotável fonte donde promanaram tôda sorte de crenças, abusões e superstições.

Mas a verdade é que muito antes de Cristo, quando ainda não se pensava na Igreja Católica, a humanidade já sucumbira à tentação das superstições. Uma das legislações mais antigas de que há memória, o Deuteronômio de Moisés, já determinava: “Quando tiveres entrado na terra que o Senhor teu Deus te há de dar, guarda-te de querer imitar as abominações daquelas gentes. Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use de malefícios, nem quem seja encantador, nem quem consulte os pitões, ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade. Porque o Senhor abomina tôdas estas coisas, e por tais maldades exterminará êstes povos à tua entrada” (Dt 18, 9-12). Talismãs, feitiços, malefícios, amuletos, patuás, rezas fortes, abusões medicinais, adivinhos, agoureiros, feitiçeiros, pitões, magos, necromantes são coisas típicas do paganismo e não do cristianismo. A luta inicial do Cristianismo foi precisamente contra tais práticas. Nos Atos dos Apóstolos assistimos a êstes efeitos da pre-

gação de São Paulo: “Muitos dos que tinham crido vinham, confessavam e manifestavam suas práticas supersticiosas; e bastantes dos que haviam professado as artes mágicas traziam seus livros e os queimavam em público, chegando a calcular-se o valor dêles em cinqüenta mil moedas de prata. Tão poderosamente crescia e se robustecia a palavra do Senhor” (At 19, 18-20). Em suas epístolas São Paulo se opõe vivamente à introdução das práticas pagãs no meio dos cristãos. Cf. Col 2, 8 e 20 ss. e as epístolas pastorais, sobretudo a Timóteo. Esta foi a herança que a Igreja recebeu. Neste espírito continuou através dos séculos. E diante de tudo isso a posição da Igreja foi sempre extremamente severa. Citaremos como exemplo um capítulo do Penitencial de Martim Pérez, em medievoportuguês, publicado em 1957 em Lisboa por Mário Martins, S. J. O texto é do século XIV e mostra que já naqueles tempos as credices eram as mesmas de hoje:

*Capº LIIIº, que falla da penitencia em nos pecados do maleficio fazer e descantar e de conjurar e de aver fe em nas cousas que se nom fazem por Deus.*

Dos maleficios e dos encantamentos e dos agoiros e dos adivinhos, convén a saber, que tragem a suas casas e vaam buscar os adivinhadores e adivinhadeiras e os agoireiros, encantadores e sorteiros e les demandon conselho, he ordenada penitencia de dous anos. En no decreto diz que deve fazer penitencia de çinque annos. Esta meesma penitencia he de aquelles que creen por as estrellas e por os signos e por os encantamentos maaos do primeiro dia do anno, que creen que por aly lhes viinrá ben ou mal ou nom. Esta meesma penitencia manda fazer aos que saen escantar ou esconjurar os termos ou os campos e fazem legamentos e ascondennos e desviannos en nas carreiras e en nos outeiros e poen outros synaaes, por desviar tenpestade dos gados ou dos fruytos e por os enviar a outros. Aos que creen e afirman que as molheres se tornan estreitas e que saen de noute e andom pollos aares e por as terras e que entran por os furacos e comem e çugan as creaturas poonlhe aquella peniten-

cia dos XL dias e dos sete annos. Aos que creen por olhado que a vista ou o ovyr de alguas poden mal fazer e porende se vaam a escantar, pooen penitência de huum anno. Aas que dan cousas çujas e torpes a seus maridos a comer e a seus amigos ou a outros alguuns por que os ençendan em amor e ben querenças, poõe penitência de çinque annos. E nelles, se taaes cousas comerem ou beverem, VI annos. Aos que buscam outros escantamentos ou alguuns malefícios por bem querenças ou por mal querenças ou fazem alguas torpidades ou dan a comer ou a beber alguas cousas, como quer que nom sejam çujas, ou buscan quem lhas faça taaes cousas, pooen penitência de dous annos. Aos que fazem encantamentos ou legamentos ou malefícios por mingar a vyda de alguum, pooen penitência de V annos. Aos que creen que por encantaçõs ou por malefícios que podem alguuns tirar o leyte de alguum gaado pera outro ou boa andança de hua casa pera outra ou aquelles que en taaes cousas obran, pooen penitência de tres annos. Aos que com o *pater noster* ou com o *credo in Deum* ou com alguas pallavras do mentos e malefícios, pooen penitência de V annos. Por legamentos fazer, pooen XL dias en pan e augua. E taaes danos poden ende aqueeçer per que mereça penitência dos VII annos. Aos que creen des que canta o gallo fugem os diaboos e porende andam os homeens seguros, pooen peendencia de VI dias em pan e augua. Aos que creen que ha hy fadas para fadar, pooen peendencia de X dias em pan e augua. Aos que colhen e pooen ervas ou cartas ao collo, se nom com o *pater noster* ou com o *credo in Deum* ou com alguas pallavras do evangelho, pooen penitência de dez dias em pam e augua. Os que buscan sortes e adivinhanças en no psalterio ou en nos evangelhos deven jajuar X dias em pan e augua.

Com tão constante, clara e severa opposição, não se pode acusar a Igreja de ser a origem ou a causadora das superstições. Quanto mais alguém é verdadeiramente católico, menos idéias e práticas supersticiosas e vãs há de alimentar. Mas na proporção em que o homem se desvia do Deus verdadeiro, êle se inclinará à superstição. Não é a religiosidade, mas a irreligiosidade que propaga as superstições. O sentimento religioso está de tal maneira arraigado na natureza do homem que, se não fôr devidamente orientado para o

seu verdadeiro objeto, ou se fôr dêle desviado por outros ou por própria obstinação e pertinácia, nem por isso deixará de existir, mas extraviando-se acabará na superstição. Lemos alhures esta preciosa observação: “O homem tem em si tão grande necessidade de crer que, quando deserta dos santuários sagrados, é para ir visitar os antros da feitiçaria e da superstição”. A experiência do materialismo e ateísmo modernos comprovou a veracidade do Apóstolo das Gentes: “... perverteram os seus pensamentos em vaidades, vindo a obscurecer-se o seu insensato coração. E, alardeando sabedoria, fizeram-se néscios e trocaram a glória do Deus incorruptível pela semelhança da imagem do homem corruptível, e de aves, e quadrúpedes, e répteis. Por isso Deus entregou-os aos desejos do seu coração...” (Rom 1, 21-24). Os maçons, por exemplo, dizem e redizem que querem combater a superstição. E o que fizeram? Que medidas tomaram contra a credulidade nos horóscopos, nos talismãs, nos patuás? A maioria dêles vive precisamente neste ambiente de credice. No último fascículo da revista mais supersticiosa que temos no Brasil, ao lado dos anúncios de defumadores, banhos de cheiro, sabonetes preparados, cruces de Caravaca, etc., encontramos também a propaganda de livros maçônicos. “Tradidit illos Deus in desideria cordis eorum”. Hoje os mais sabidos e contumazes negadores dos milagres do Evangelho crêem com admirável desembaraço nas ectoplasmas e telequinesias do espiritismo. Num de seus momentos de lucidez escreveu com acêrto Voltaire: “La superstition est à la religion ce que l’astrologie est à l’astronomie: la fille très folle d’une mère sage”. O alemão Johann Kruse está dedicando sua vida ao estudo das superstições na Alemanha e verificou que entre os protestantes alemães atuais a superstição encontrou o seu

melhor ambiente. Veja-se o seu livro *Hexen unter uns? Magie und Zauber glauben in unserer Zeit* (Hamburg 1951), no qual damos com superstições mais fortes e mais ridículas que as lembradas neste artigo.

Não é, pois, a Igreja, são seus adversários os grandes fatores da superstição e credulidade. “Un prêtre de moins: mille pythouisses de plus”, constatava Georges Bernanos. Eis as causas, concretamente, segundo pensamos:

1) A insatisfação do sentimento religioso conatural ao homem, ou sua desorientação pelos propagandistas do materialismo, do ateísmo, da irreligiosidade, do indiferentismo religioso, e das falsas religiões. Já dissemos o suficiente sobre esta causa que é, sem dúvida, a principal. E aqui cabe à Maçonaria um lugar de destaque.

2) A mórbida e desregrada inclinação para o maravilhoso, o inesperado, as intervenções do além. É o Espiritismo, com tôdas as modalidades e tendências, quem mais explora este lado doentio do homem. As mais funestas e graves superstições, como a necromancia, a magia e até a demonolatria são praticadas e propagadas por espíritas e umbandistas.

3) O imoderado desejo de tudo saber e tudo experimentar, particularmente as assim chamadas fôrças “ocultas” do homem e da natureza. Insistimos no adjetivo: o *imoderado* desejo. Pois a investigação ordenada, sistemática e científica, feita nas Universidades, é excelente e louvável. São principalmente os ocultistas de todos os matizes e escolas, com seus abomináveis cursos por correspondência, seus livros e revistas anticientíficos, seus folhetos e almanaques de propaganda os exploradores desta lamentável tendência. E o maior responsável, no Brasil, é o Círculo Esotérico

da Comunhão do Pensamento, acolitado pelas organizações rosacruceanas e pelas sociedades teosóficas.

4) A vergonhosa difusão da literatura “sãocipriana”: “O Grande e Verdadeiro Livro de São Cipriano”, “O Antigo e Verdadeiro Livro de São Cipriano”, “O Único Verdadeiro Livro de São Cipriano”, e outras variações, sempre com mais de 400 páginas; “O Livro Completo das Bruxas”, “O Livro das Bruxas”, “As Verdadeiras Clavículas de Salomão”, “Enquiridião do Papa Leão”, “Grimório do Papa Honório”, “O Dragão Vermelho”, “Os Maravilhosos Segredos do Grande e Pequeno Alberto”, “Nossas Fôrças Ocultas”, “O Livro do Feiticeiro”, “Livro de Sonhos”, “Tratado da Magia Oculta”, “Cruz de Caravaca”, “Verdadeiro e Único Livro da Milagrosa Cruz de Caravaca”, “O Destino pela Influência Planetária”, “Manual da Cartomante”, “Tratado de Cartomancia”, “A Ciência de Juca Rosa Revelada”, “A Mão e seus Segredos”, “O Nosso Caráter Determinado pelos Astros”, etc. etc., — eis aí uma ampla literatura desavergonhada, descarada e cínica. Nessa tenebrosa fonte vão muitos buscar sua obscura sabedoria.

5) Os estudos do *folclore* nem sempre são bastante criteriosos e discretos. Reconhecemos a grande utilidade destas investigações sociológicas da alma popular. Convém, inclusive, fomentar certas tradições populares. Mas com moderação e critério. Sob a fachada ou a alegação de “folclore” protege-se muito terreiro e muito antro da mais pura superstição, até mesmo com subvenções oficiais do govêrno.

6) Algumas das crendices acima lembradas, se bem consideradas, parecem ser simplesmente regras de prudência ou de boa educação e civilidade que, para mais eficazmente se incutirem na alma popular, receberam sanções rigorosas. Como normas de boa educação lem-

bramos: não comer com chapéu na cabeça; não deramar sal na mesa; menino não deve brincar com fogo; não caçoar dos defeitos alheios; não se cumprimentar cruzando as mãos; não pular sôbre a sepultura (seria falta de respeito). E' prudência não passar por debaixo da escada (pois ela pode cair), não coser roupa no corpo de pessoa viva (pois a agulha poderia picar), etc.

7) A psicologia moderna, particularmente a reflexologia de Pavlov, poderá explicar também a origem de numerosos abusões medicinais. Pois sabemos hoje que os desarranjos funcionais e tôdas as funções que dependem dos centros nervosos (digestão, respiração, circulação, etc.), podem ser influenciados psiquicamente. Certas fórmulas medicinais populares, inócuas em si e como tais inoperantes, por causa da confiança e convicção com que o povo as executa, poderão transformar-se em estímulos-sinais (como diria Pavlov) e produzir verdadeiras reações biológicas (reflexos condicionados) favoráveis à cura e mesmo recolocar em atividade um órgão antes inativo. Neste caso de fato não teríamos a desproporção entre causa e efeito, da qual falam os moralistas quando condenam certas superstições. Já S. Tomás, no artigo em que estuda as superstições medicinais (II/II, 96, a. 2) observava: "Dicendum quod in his quae fiunt ad aliquos effectus corporales inducendos, considerandum est utrum naturaliter videantur posse tales effectus causare. Sic enim non erit illicitum: licet enim causas naturales adhibere ad proprios effectus". Ora, a descoberta fundamental da moderna reflexologia é esta: Um órgão pode entrar em atividade tanto sob a influência de seus excitantes absolutos e conaturais, como sob a excitação de estímulos indiferentes e ocasionais. Assim acreditamos, por ex., na possível eficácia natural da seguinte recei-

ta contra verrugas: procurar um osso no campo, esfregar na verruga com a parte do osso que estava voltada para o chão, recolocar o osso no lugar e sair em disparada... Pois os entendidos afiançam que a verruga pode ser combatida pela sugestão. Cf. Dr. A. da Silva Mello: *Mistérios e Realidades dêste e do outro Mundo*, Rio 1950, p. 421.

8) Certa literatura piedosa e ascética, agora já no campo católico, com muitas histórias e historietas de milagres e fáceis intervenções sobrenaturais, também deve ser responsabilizada como fatora da mentalidade supersticiosa. A propaganda de certas devoções particulares, de certos santuários, de certos santos, sobretudo os anúncios de “graças recebidas”, tudo isso nem sempre permanece nos justos e sóbrios limites indicados pela Igreja. A Sagrada Congregação do Concílio, com um decreto de 7 de junho de 1932, reprova enèrgicamente as “narrationes et evulgationes gratiarum” (cf. AAS, XXIV, 240 s). Geralmente estas “graças recebidas” não apresentam sinal de autenticidade. E quem conhece um pouco de psicologia, sobretudo o modo como se produz o reflexo condicionado e a extrema facilidade com que tais reações biológicas se desencadeiam em certas pessoas, compreenderá facilmente a razão de ser da tão recomendável prudência e reserva oficial da Igreja diante de semelhantes histórias. Recomendamos vivíssimamente a atenta leitura do mencionado decreto.

O mesmo exagêro se nota por vêzes na propaganda de certos sacramentais, que por isso se transformam em autênticos amuletos ou até talismãs. São unânimes os teólogos em ensinar que o sacramental se distingue essencialmente do sacramento em razão do efeito, que não se produz ex opere operato, mas ex opere operantis.

Para exemplificar, tomemos um folheto de propaganda do "Agnus Dei", com tôdas as necessárias aprovações eclesiásticas. Já o título é suspeito: "*Virtudes do Agnus Dei*". Diz-se, por exemplo: "Os fiéis podem tocá-los, trazê-los sôbre si, sobretudo durante as viagens, ou tê-los expostos em casa, porque êles a protegem e aos moradores". Isso lembra a ferradura... Depois, literalmente: "Os Agnus Dei conferem ou aumentam em nós a graça, promovem a piedade, dissipam a tibieza, preservam do vício e predispõem para a virtude. Apagam os pecados veniais e purificam a mancha deixada pelo pecado depois que êste é perdoado pelo Sacramento da Penitência. Afugentam os demônios, livram das tentações e preservam da eterna ruína. Livram da morte repentina e imprevista. Impedem os terrores causados pelos fantasmas e acalmam o mêdo ocasionado pelos maus espíritos. Armam com a proteção divina contra a adversidade, fazem evitar os perigos e as desgraças, dão prosperidade. Protegem nos combates e proporcionam vitória. Livram do veneno e das ciladas dos adversários. São excelentes preservativos das enfermidades e também servem de eficaz remédio. Combatem a epilepsia. Impedem os estragos da peste, das epidemias e da corrupção do ar. Acalmam os ventos, dissipam os furacões, acalmam os turbilhões e afastam as tempestades. Salvam do naufrágio. Apartam da tormenta e fazem escapar dos perigos dos raios. Expulsam as nuvens que trazem saraiva. Apagam o incêndio e fazem estacionar seus estragos. São eficazes contra as chuvas torrenciais, as inundações e transbordamentos dos rios. Finalmente os Agnus Dei protegem as mães e as criancinhas nos perigos especiais..." Que mais queremos? haverá talismã mais poderoso? Se bem contamos: 46 (quarenta e seis) efeitos extraordinários. Não há sacramento que se compare. Ademais, torna todos os sacramentos supérfluos... E o folheto, para não deixar dúvidas declara que é de crer que tôdas essas graças "obterão o seu pleno efeito se de nossa parte não pusermos obstáculos". Portanto: ex opere operato...

9) Não podemos, também, esquecer que na origem e no desenvolvimento das superstições está aquêle "que anda em derredor, como um leão a rugir, procurando a quem devorar" (1 Ped 5, 8). "Se se levantar no meio de ti um profeta, ou alguém que diga que teve um so-

nho, e predisse algum sinal ou prodígio, e suceder o que êle anunciou e te disser: "Vamos e sigamos os deuses estranhos, que não conheces e sirvamo-los", não ouvirás a palavra de tal profeta ou sonhador, porque o Senhor vosso Deus vos põe à prova, para se tornar manifesto se o amais de todo o vosso coração e de tôda a vossa alma" (Dt 13, 1-3). O supersticioso coloca-se no lado daquele "que se levanta com tôda a sorte de portentos, sinais e prodígios falazes, procurando a todo o transe seduzir à iniquidade" (2 Tess 2, 9).

10) Em muitos homens restam ainda vestígios do primitivo animismo: daí procedem as crenças em gênios, fantasmas, duendes e nos inumeráveis seres visíveis e invisíveis, palpáveis e impalpáveis, que surgem das misteriosas regiões do ar, da água, dos bosques e do subsolo, para favorecer ou danificar o curso da vida e dos homens, animais e plantas. Nêles está ainda a mentalidade mágica que crê poder dominar certas fôrças conjurando-as com virtudes contrárias. Levados também pelas idéias do fatalismo e do karma, não conhecem a Divina Providência que paternalmente vela sôbre cada um de seus filhos. Vêem-se rodeados por tôda sorte de males, adversidades e desgraças, sentem a dor e a enfermidade, amedrontam-se com a perspectiva de novas ameaças e assim surge um desordenado desejo de defesa. Como não conhecem os meios que Deus e a Igreja colocam à sua disposição, refugiam-se desesperadamente aos antros da magia e da superstição.

Importa, pois, combater enèrgicamente a credulidade e mostrar que o mundo é governado por Deus, que vela sôbre cada um de seus filhos e que, sem a sua vontade, não cai sequer um cabelo de nossa cabeça (cf. Lc 21, 18); que o demônio não está à vontade,

mas totalmente dependente da permissão da Divina Providência; que as idéias do fatalismo e do destino não são conciliáveis com a mensagem cristã sôbre a liberdade do homem. “Vivei, pois, em Cristo Jesus, o Senhor, assim como o recebestes, arraigados e fundados n’Ele, apoiados sôbre a fé segundo a doutrina que aprendestes. Cuidai de que ninguém vos leve de novo à escravidão, com filosofias falazes e vãs, fundadas em tradições humanas, nos elementos do mundo e não em Cristo” (Col 2, 6-8).

## ÍNDICE

Religião e superstição .....	5
Orações supersticiosas .....	9
Talismãs e amuletos .....	13
Breves e patuás .....	19
A ineficácia dos feitiços .....	21
Explicação supersticiosa das doenças .....	25
Abusões medicinais .....	27
Posição perante o curandeirismo .....	34
Sôbre a liceidade do hipnotismo .....	36
Crendices vãs .....	39
A origem das superstições .....	43

## VOZES EM DEFESA DA FÉ

O Secretariado Nacional de Defesa da Fé resolveu ampliar a conhecida série de 8 cadernos "Contra a Heresia Espírita" sob o novo título geral de "Vozes em Defesa da Fé". Já estão no prelo e sairão pròximamente os seguintes cadernos:

9. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
10. O Rosacruzianismo no Brasil
11. As Sociedades Teosóficas
12. Martinho Lutero
13. A Reforma Luterana
14. Os Presbiterianos
15. Os Congregacionalistas
16. Os episcopalianos
17. Os Batistas
18. Os Metodistas
19. Os Adventistas
20. O Exército da Salvação
21. A Associação Cristã de Moços
22. As Testemunhas de Jeová
23. "Assembléias de Deus" e outras "Igrejas Pentecostais"
24. Os Mormons ou Santos dos últimos Dias
25. A "Ciência Cristã"
26. Os Católicos e o Rearmamento Moral
27. A Teoria de "A Bíblia sòmente"
28. A Teoria da "Justificação pela Fé sòmente"
29. Só os Católicos se salvam?
30. Cristo voltará em breve?
31. A Imortalidade da Alma
32. Cristo é realmente Deus?
33. A Inquisição
34. Nossas Superstições
35. Astrologia, Quiromancia e Quejandos

Na mesma coleção seguirão ainda dezenas de outros títulos,  
já em preparo

Publicações do Secretariado Nacional de Defesa da Fé,  
na Editôra Vozes.

Pedidos à EDITÔRA VOZES LIMITADA

Caixa Postal 23, Petrópolis, Estado do Rio

<http://www.obrascaticas.com>